

***Aruanas* e a jornada da(s) heroína(s): Reflexões sobre narrativa ambiental e protagonismo feminino^{1 2}**

Gisele Gabriel³
Tamara Cristine de Araújo⁴

Resumo: Buscamos aqui, analisar a primeira temporada, com dez episódios, da série ficcional brasileira *Aruanas* (GLOBOPLAY, 2019). A pergunta que nos move é: de que maneira a série trabalha as questões socioambientais e o protagonismo feminino? O aporte teórico conta com Walter Benjamin, Míriam Cristina Carlos Silva e Adriana Hoffmann Fernandes, sobre narrativa. Metodologicamente, adotamos a Jornada da Heroína (MURDOCK, 1990; MARTINEZ, 2008; PAIVA; HEIDEMANN; MARTINEZ, 2018). A série retrata as consequências de um garimpo ilegal como a contaminação das águas, o massacre de indígenas, entre outros. Sobre o protagonismo feminino, mostra as diferentes etapas de desenvolvimento pessoal das personagens principais. Assim, consideramos que a série contribui para sensibilização de temas contemporâneos.

Palavras-chave: Narrativa ambiental. Jornada da Heroína. Protagonismo feminino. *Aruanas*.

1 Contextualização

A crise ambiental é uma questão desafiadora do nosso tempo. Logo, devemos avaliar as consequências futuras e considerar as mudanças necessárias, ou seja, lidar com os problemas ambientais exige mudanças individuais e coletivas.

Em outras palavras, “salvar a espécie humana é o verdadeiro desafio desta geração”; já que “nossa postura em relação à natureza tende a supor que temos a capacidade de dominar tecnologicamente o planeta” (GABRIEL; SILVA, 2019, p. 105-106).

Tão importante quanto discussões sobre a crise ambiental, questionamentos sobre um sistema dominado pelo patriarcado é basilar, pois isso pressupõe uma sociedade mais justa e com direitos iguais para todos.

O artigo A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI, de Ramón Grosfoguel (2016), descreve que o conhecimento epistêmico do mundo

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura (Uniso), gisele83gabriel@gmail.com.

⁴ Mestranda em Comunicação e Cultura (Uniso), tamaracristine.araujo@gmail.com.

ocidental contemporâneo é estruturado apenas por poucos pensadores, mais exatamente, de cinco países: França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália.

Grosfoguel (2016) tece críticas sobre como outras formas de conhecimento advindas do mundo não-ocidental, ou de grupos minoritários, são inferiorizadas e, além disso, como o conhecimento epistêmico é racista e sexista.

O autor esclarece que chegou a essa estrutura à custa de quatro epistemicídios que ocorreram no século XVI, foram eles: 1) contra os muçulmanos e judeus em nome da “pureza do sangue”; 2) contra os povos indígenas do continente americano e os aborígenes na Ásia; 3) contra africanos, os quais foram escravizados no continente americano; e 4) contra as mulheres indo-europeias, acusadas de bruxaria (GROSFOGUEL, 2016, p. 31).

Esses genocídios foram ao mesmo tempo formas de epistemicídios, pois partem do privilégio epistêmico de homens ocidentais, e foram eles que desencadearam o “poder racial e patriarcal e as estruturas epistêmicas em escala mundial emaranhadas com o processo da acumulação global capitalista” (GROSFOGUEL, 2016, p. 42). O autor acrescenta que as universidades ocidentais também internalizaram esse aspecto e continuam a propagá-lo.

Portanto, o pesquisador sugere a transmodernidade de Enrique Dussel (2008), para irmos além da modernidade eurocêntrica. Em suas palavras:

A transmodernidade é um convite para que se produza, a partir de diferentes projetos epistêmicos políticos que existem no mundo hoje, uma redefinição dos muitos elementos apropriados pela Modernidade eurocêntrica e tratados como inerentes à Europa, rumo a um projeto de colonial de liberação para além das estruturas capitalistas, patriarcais, eurocêntricas, cristãs, modernas e coloniais (GROSFOGUEL, 2016, p. 45).

Grosfoguel conclui, então, que é necessário que as universidades assumam que existe esse caráter racista e sexista epistêmicos, que surgiram dos quatro genocídios mencionados; rompam com a universalismo da epistemologia ocidental; e alimentem um pluriverso, onde “muitos decidem por muitos” com novas definições e novas soluções para velhos conceitos. É assim que podemos ir além da modernidade eurocêntrica (GROSFOGUEL, 2016, p. 45).

Pensando nessa crítica de Grosfoguel (2016), de que os estudos contemporâneos englobam, principalmente, o homem branco, buscamos com este artigo tratar de dois temas contemporâneos relevantes, e que acabaram sendo inferiorizados ao longo dos anos por essa configuração epistêmica capitalista/racista/sexista de que o autor comenta. São eles: a questão ambiental e o protagonismo feminino.

Nessa perspectiva, acreditamos que filmes/documentários/séries, livros, músicas e outras formas de expressão, carregam a possibilidade de potencializar tanto mensagens ambientais como mensagens sobre temas importantes como representatividade feminina e indígena, relacionamento abusivo, aliciamento de menores para o comércio sexual, entre outros.

Isto posto, como recorte de análise, optou-se pela série original Globoplay *Aruanas*, co-produzida por Farinha Filmes, lançada em 2019, a qual conta com dez episódios em sua primeira temporada.

Busca-se, aqui, refletir sobre a narrativa ambiental e o protagonismo feminino, com o intuito de contribuir para o pluriverso proposto por Grosfoguel (2016), com novas ideias e conceitos, especialmente, desses dois temas inferiorizados na modernidade eurocêntrica.

Assim, a pergunta que nos move é: de que maneira a série *Aruanas* (2019) trabalha as questões socioambientais e o protagonismo feminino?

2 Caminho teórico-metodológico

Aqui, apresenta-se o aporte teórico sobre narrativa e, posteriormente, o método da Jornada da Heroína.

A narrativa, de acordo com Walter Benjamin (1987), carrega uma dimensão utilitária: a de compartilhar experiências e conselhos.

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece histórias e tradições. Se quisermos concretizar

esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. [...] (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

A experiência relaciona-se intrinsecamente a condições sociais e coletivas. Sendo, a tradição que perpassa os indivíduos de uma comunidade, responsável pelas memórias coletivas e possibilidades de transformação no presente (BENJAMIN, 2018).

Assim, ao tomar como base o pensamento benjaminiano, partimos da premissa que a série *Aruanas* (2019) diz respeito a essa função narrativa, ao registrar acontecimentos de um povo ou grupo a fim de compartilhar suas experiências e aconselhar sobre a necessidade do ser humano rever suas ações em relação à depredação ambiental.

Nesse ponto, o narrador na contemporaneidade emerge nas versões de histórias contadas, especialmente, através das mídias – por meio de memórias que fabricam identificação cultural ao reproduzir rituais. Um exemplo disso é o artigo *Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela*, de Míriam Cristina Carlos Silva e Tarcyanie Cajueiro Santos (2015). Para elas:

O fenômeno da peregrinação na sociedade contemporânea apresenta ligações com as mídias digitais, colaborando para a disseminação de novas formas de se vivenciar o sagrado, em conjunto com a produção de novas subjetividades. As modalidades de peregrinação, como as do Caminho de Santiago de Compostela, aparecem como propiciadoras de uma experiência ligada ao projeto de autoconhecimento. As narrativas, por sua vez, não poderiam deixar de existir, apresentando-se como reafirmação e mobilização das transformações em si, propiciadas pela experimentação do caminhar, ou, talvez, por um acontecimento comunicacional, a partir do qual haverá uma mudança significativa, ainda que não definitiva, tal como as subjetividades, que se modificam conforme mudam os enredos e os atores com os quais se atua (SILVA; SANTOS, 2015, p. 12).

Ainda de acordo com as autoras, “narrador, espaço, personagens e tempo intrincam-se e relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória” (SILVA; SANTOS, 2015, p. 1). Ou seja, tanto as autoras quanto Benjamin (1987, 2018)

contribuem significativamente para reflexão da narrativa ambiental na série *Aruanas* (2019).

A narrativa, a partir do pensamento benjaminiano na década de 50, traz reflexões para pensar também como ela se apresenta hoje. Além disso, “a narrativa está associada à experiência, saber narrar é saber passar adiante a sua experiência” (FERNANDES, 2019, p. 16).

Adriana Hoffmann Fernandes (2019, p. 16) aponta que, se antes era a narrativa que expressava a maneira de pensar da comunidade, nos dias de hoje “os meios de comunicação exercem em parte esse papel”.

Ainda segundo a autora, ela arrisca-se em dizer que a narrativa está mudada, com outras vestes e outro modo de se apresentar. Para ela, “talvez Benjamin – se estivesse vivo hoje – até quisesse refletir sobre as novas formas de narrar atuais” (FERNANDES, 2019, p. 17).

As histórias existem hoje de outra forma sendo contadas, lidas ou vistas no cinema, livro ou qualquer outro veículo mas não tem mais o vínculo com a produção artesanal na troca coletiva de experiências. Benjamin nos ajuda a perceber a necessidade de recuperá-las, de rememorá-las impedindo o seu esquecimento. A narrativa já não é mais elemento de união e formação de uma coletividade e hoje convive com os diferentes veículos de difusão do conhecimento que existem na atualidade, como Internet, jornal, livro, vídeo, TV, cinema, passando a ser um, dentre os muitos elementos de conhecimento existentes. A informação presente na maioria desses meios continua a ser preponderante e é um dos valores fundamentais do século XXI. A valorização da informação faz com que os diferentes veículos a busquem e – muitas vezes - o homem fica perdido diante da sua infinidade. Mas mesmo esse homem perdido do século XXI lembra muito bem dos tempos em que ouviu histórias de avó, do dia em que esteve num local de roça em que esse tipo de narrativa benjaminiana ainda vive (FERNANDES, 2019, p. 18).

Aruanas (2019) busca entrelaçar os acontecimentos reais e fictícios, portanto, fica patente que a série busca com sua narrativa produzir processos de alteridade, com o intuito de sensibilizar para transformações e novos olhares acerca das questões ambientais.

Acerca da análise proposta, a Jornada da Heroína, foi derivada da Jornada do Herói, desenvolvida por Joseph Campbell (1949), ao observar um trajeto padrão nas aventuras mitológicas.

Vale ressaltar que os mitos são uma forma de explicar o mundo e surgiram antes de diversas ciências, como a Filosofia. Dessa forma, “o mito precede a linearidade ou a racionalidade que surge posteriormente” (PAIVA; HEIDEMANN; MARTINEZ, 2018, p. 289). Assim,

Joseph Campbell, compreendendo as narrativas míticas como metáforas organizadas em imagens e símbolos das possibilidades da experiência humana, a partir da influência do pensamento de Jung e outros estudiosos dos mitos e símbolos, elabora durante sua vida uma série de estudos comparados das religiões e dos mitos (PAIVA; HEIDEMANN; MARTINEZ, 2018, p. 290-291).

O modelo de Campbell (1949) organiza a Jornada do Herói em 17 passos, que também serviram de inspiração para a Jornada da Heroína, de Maureen Murdock (1990).

A terapeuta Murdock notou que, mesmo atingindo o sucesso em diferentes áreas, como a profissional ou a financeira, suas pacientes mulheres ainda sentiam um senso de vazio e insatisfação. Ao questionar o modelo proposto por seu professor, Campbell recebeu como resposta que as mulheres não precisam de uma jornada, pois já se encontram no local almejado pelo herói. Insatisfeita, e percebendo que o modelo masculino não se aplicava ao feminino, Murdock (1990) desenvolveu a Jornada da Heroína em dez estágios:

- 1- Separação do feminino;
- 2- Identificação com o masculino e união de aliados;
- 3- Estrada de desafios: ogros e dragões;
- 4- Encontrando o boom do sucesso;
- 5- Acordando para sentimentos de morte espiritual;
- 6- Iniciação à Deusa;
- 7- Urgência de reconexão ao feminino;
- 8- Cura da separação mãe e filha;
- 9- Cura da ferida masculina;
- 10- Integração do masculino e feminino.

A autora define a Jornada da Heroína como “uma aventura para compreender sua natureza feminina, aprendendo a se valorizar como mulher e a curar a profunda

ferida do feminino” (MURDOCK, 1990, p. 3). Para ela, a jornada ocorre de modo cíclico e pode-se estar em mais de um estágio ao mesmo tempo.

Murdock (1990) relata que as mulheres sentem insatisfação por tentar se encaixar nos moldes do padrão do herói, até atingindo algum sucesso, mas sacrificando seus sonhos, sua intuição, sua saúde, seu corpo.

Segundo ela, isso acontece porque vivemos numa sociedade patriarcal, na qual os valores femininos são inferiorizados. A autora explica que podemos ver essa negação no início da jornada:

Essa etapa inicial da jornada frequentemente inclui uma rejeição do feminino, definido como passivo, manipulativo ou improdutivo. As mulheres, com frequência, têm sido retratadas na nossa sociedade como desfocadas, instáveis, e muito emotivas para realizar o trabalho. Essa falta de foco e diferenciação das mulheres são dadas como fracas, inferiores, dependentes – não só pela cultura dominante mas, também, por muitas mulheres (MURDOCK, 1990, p. 6).

É por isso que a Jornada da Heroína trata dessa reconexão com o feminino. Monica Martinez (2008) complementa que a mulher não precisa mais provar que pode dar conta dos atributos masculinos, como mostrou nas décadas passadas. Para ela:

Campbell está correto quando diz que a Jornada feminina é muito mais interna do que externa, como a empreendida tradicionalmente pelos homens. A mulher faz seu próprio caminho bem-sucedido ao responder aos desafios com os próprios do sexo feminino, jogando em seu próprio campo, com regras que conhece e domina (MARTINEZ, 2008, p. 140).

Para a análise da série *Aruanas* (2019), confrontamos cada um dos dez passos descritos por Murdock (1990) com momentos das narrativas das personagens Natalie, Luiza, Verônica e Clara.

3 Por dentro da série

A série *Aruanas* (Fig. 1) teve sua primeira temporada lançada em 2019. A trama gira em torno da ONG (Organização não governamental) de defesa ambiental Aruana, dirigida por três amigas: uma advogada, uma jornalista e uma ativista.

Interpretada pela atriz Taís Araújo, a advogada Verônica busca seguir a lei e repreende quando as amigas agem por impulso. Ela tem um caso com o marido de sua amiga Natalie, Amir (Rômulo Braga) – arquiteto e financiador da ONG.

A jornalista Natalie (Débora Falabella), além do trabalho na ONG, também apresenta um programa de televisão e, muitas vezes, usa-o para denunciar crimes ambientais; causando problemas com seu chefe, que reclama sobre a audiência cair até três pontos quando o assunto é exposto. Com o passar da trama, descobre o caso do marido com sua amiga Verônica.

A atriz Leandra Leal interpreta a impulsiva ativista Luíza, que se divide entre o filho e a ONG, e, muitas vezes, se coloca em situações de perigo.

A estagiária Clara (Thainá Duarte), desprezada inicialmente pelas três, chega em São Paulo após fugir de um relacionamento abusivo.

Figura 1 – Pôster da série *Aruanas* (2019)



Fonte: Imagem capturada na internet.

As quatro mulheres partem em busca de provas sobre a exploração de minério na Floresta Amazônica e descobrem crimes ambientais envolvendo garimpos ilegais e uma mineradora nacional, a KM.

O dono da KM, Miguel Kiriakos (Luiz Carlos Vasconcellos), é responsável pelo garimpo ilegal na fictícia Cari, no interior do Amazonas. Para alcançar seus objetivos, conta com a ajuda da lobista Olga (Camila Pitanga), que tenta de várias maneiras conseguir a extinção da Reserva Eldorado para o progresso dos negócios de Miguel.

Em um evento beneficente, Miguel é apresentado a Natalie, aproveitando a oportunidade, ele a convida para conhecer a KM e verificar o trabalho sustentável desenvolvido pela mineradora.

Durante a visita, a jornalista confronta o empresário sobre a contaminação das águas. Para provar que a acusação é sem sentido, Miguel toma da água. Quando estava quase convencida de que a acusação era infundada, ela recebe uma mensagem anônima sobre o decreto de extinção da Reserva Eldorado, em Cari.

Para evitar o decreto, Verônica vai à Brasília para pedir a suspensão do documento, mesmo que provisória. Contudo, ela se depara com ilegalidades, injustiças e chantagens, mostrando o longo caminho a ser perseguido pelas ativistas.

Aruanas (2019) conta com a parceria técnica do Greenpeace (Organização não governamental ambiental). Vale destacar ainda que, tanto a assessoria de imprensa quanto as fontes de divulgação buscaram frisar o grande diferencial da série: o fato de contar com 50% de toda equipe dividida entre homens e mulheres (ATRIZES..., 2020).

4 A narrativa ambiental e a Jornada da Heroína em *Aruanas*

4.1 Narrativa ambiental

A narrativa ambiental, tendo em vista suas interações no contexto social, pode servir como uma ferramenta constituidora de atores em favor da conscientização sobre as questões ambientais. As histórias contadas e recontadas podem favorecer reflexões e contribuir para a conscientização (GABRIEL; SILVA, 2019, p. 102).

Bebendo na fonte da vida real, a ficção pode servir como possibilidade para sensibilizar sobre as lutas travadas pelo meio ambiente, tema este que não parece fácil de ser abraçado pelo público. Já que vivemos em uma sociedade constantemente seduzida pelas práticas de consumo e por governantes empenhados em ações para alavancar a economia, muitas vezes contribuindo para o desmatamento e o desequilíbrio da fauna e da flora, a partir de tomadas de decisões que não levam em conta todas as partes envolvidas.

Com o propósito de sensibilizar para as causas ambientais e, conseqüentemente, para rever hábitos e mudar a atitude das pessoas em relação ao meio ambiente, acreditamos que as narrativas podem promover ações ambientais necessárias, por meio

de filmes, documentários e séries, por exemplo. Talvez, esse seja um dos caminhos possíveis, uma narrativa que nos conecte aos acontecimentos atuais a fim de promover transformações.

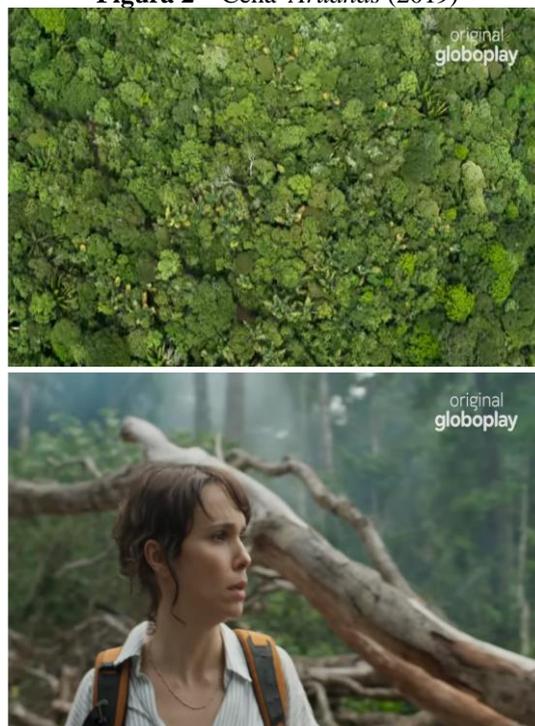
As protagonistas e seus companheiros de ativismo buscam evitar que uma reserva na Amazônia seja explorada por garimpos ilegais, já que a extração de minério libera mercúrio e outros metais pesados, contaminando a água, os animais e também os humanos.

Aruanas (2019) retrata os conflitos ambientais que afetam de forma violenta os indígenas na Amazônia. A série busca sensibilizar para compreendermos que tanto a Amazônia, os povos originários, a natureza e o meio ambiente são temas que devem ser tratados de forma conjunta. A narrativa reforça que devemos nos relacionar com as questões ambientais a partir de uma visão de pertencimento, e não de domínio.

Ao contrário do que pensa Miguel, pois para ele “quem gosta de floresta é índio e celebridade. O povo gosta é de dinheiro”. Portanto, o personagem traz uma visão sobre a depredação ambiental como parte do progresso e da economia.

Na cena em que Natalie sobrevoa a Amazônia, presenciamos o contraste do verde com a destruição da floresta (Fig. 2).

Figura 2 – Cena *Aruanas* (2019)



Fonte: Imagem capturada na internet.

De acordo com o Greenpeace Brasil (2021), a Amazônia já perdeu 20% de suas florestas. Em 2020, o desmatamento atingiu 11 mil km², o equivalente a 1,5 milhão de campos de futebol.

A série mostra também imagens do garimpo ilegal e de como a depredação segue sem controle (Fig. 3).

Figura 3 – Cena Aruanas (2019)



Fonte: Imagem capturada na internet.

Em julho de 2020, 73% da destruição causada na Amazônia para a exploração de garimpo ocorreu em áreas de conservação e terras indígenas, as quais deveriam estar protegidas pelo Estado. Sendo, a região de Tapajós o epicentro do garimpo ilegal (VILLAR, 2020).

A porta-voz da campanha Amazônia do Greenpeace Brasil, Carolina Marçal, conclui que além de fatores econômicos, as condições políticas acabam sendo favoráveis para o avanço da atividade bem como a diminuição da fiscalização e propostas para legalização de garimpos em terras indígenas (TRÊS..., 2020).

Finalizando a primeira temporada, a ONG invade um evento importante no qual a mineradora KM está presente, mostrando um vídeo que denuncia o garimpo ilegal, a destruição da floresta amazônica, o massacre indígena e a contaminação das águas por mercúrio. O último episódio termina com prisões e protestos, como “Salve a Amazônia”; “no Brasil, a cada três dias um ativista é assassinado”, entre outros.

A série *Aruanas* (2019), além de alertar sobre a crise ambiental, destaca também a importância do trabalho de ativistas como da Irmã Dorothy Stang, Terezinha Rios Pedrosa, Manoel Índio Arruda, Chico Mendes, Edmilson Pereira dos Santos e tantos outros assassinados por sua militância. Com isso, fica claro que, para seguir com esse movimento, da luta pela biodiversidade e proteção ambiental, é preciso mais reconhecimento, apoio e segurança.

Tanto as colocações de Benjamin (1987, 2018) quanto as de Silva e Santos (2015) e Fernandes (2019), são oportunas para pensar a narrativa contemporânea, ao descrever a possibilidade de transformação por meio de histórias.

4.2 Jornada da Heroína

Os dez passos da Jornada da Heroína, de Maureen Murdock (1990), foram confrontados com as ações das personagens principais da primeira temporada da série *Aruanas* (2019), que são: Natalie, Luiza, Verônica e Clara. Cada uma das etapas da Jornada será descrita a seguir, com momentos encontrados na série.

4.2.1 Separação do feminino

No início da Jornada da Heroína, ocorre a separação do feminino. Murdock (1990) afirma que nossa sociedade é androcêntrica, vista por uma perspectiva masculina, na qual os atributos masculinos são valorizados. Dessa forma, segundo a autora, as mulheres passam a negar as suas características femininas, e essa negação começa na relação com a mãe. Para iniciar a jornada então, a heroína se afasta da mãe, ou da sua figura materna, porque não quer ser igual a ela.

Conforme ela (a heroína) avança nas etapas do desenvolvimento e começa a entender quais as raízes da desvalorização do feminino nesta cultura, ela entenderá que a mãe não é a causa dos seus sentimentos de insuficiência (MURDOCK, 1990, p. 14).

Na série *Aruanas* (2019), podemos verificar essa separação do feminino na personagem Clara, que deixa a vida com os pais e com o ex-namorado, de quem sofria uma relação abusiva, para tentar começar uma nova vida trabalhando como estagiária na ONG Aruana. Apesar de não falar especificamente sobre a mãe, em dado momento, Clara afirma que o pai preferiria que ela se casasse do que terminasse seu relacionamento abusivo. Podemos levar em consideração, então, que ela não teve o apoio da família contra esse relacionamento.

Outro aspecto em comum da série com os descritos por Murdock (1990), nessa etapa, é a busca de um modelo feminino como inspiração, já que houve a decepção com a mãe. Clara busca a aprovação da personagem de Verônica, uma mulher mais velha, que trabalha como advogada e tem mais experiência que ela. No sétimo episódio, a garota fica feliz quando Verônica elogia uma de suas ações ao encontrar documentos que auxiliam a investigação contra Miguel Kiriakos.

4.2.2 Identificação com o masculino e união de aliados

Nessa segunda etapa, a heroína busca a identificação com o masculino ou ser resgatada pelo masculino, já que está evitando os atributos femininos, negados no estágio anterior, além da união de novos aliados para a sua aventura. Para Murdock (1990), a heroína começa a jornada do herói tradicional, com um importante desenvolvimento para o ego da mulher, com aliados masculinos que podem aparecer na figura de mentor, como o pai, o namorado, um professor.

Na nossa análise, consideramos o personagem Falcão como esse aliado de Clara. Após a primeira etapa, encontrando um novo emprego, reunindo novos aliados nos colegas de trabalho, Clara tem em Falcão a pessoa que vai ajudá-la a encarar o relacionamento abusivo pelo qual passou.

No início da série, Clara não queria falar sobre esse assunto, mas após passar por diferentes acontecimentos (como o auxílio a meninas que sofriam exploração sexual, por exemplo), ela decide gravar um vídeo falando sobre relacionamentos abusivos, com a ajuda de Falcão.

4.3.3 Estrada de desafios: ogros e dragões

Seguindo para a terceira etapa, como o nome já diz, é quando a heroína irá encontrar seus desafios. Todos os obstáculos que surgem na vida profissional, acadêmica, familiar.

Consideramos que as quatro personagens analisadas se encontram nesse estágio, lembrando que, segundo Murdock (1990), pode-se estar em mais de uma etapa ao mesmo tempo e a jornada é cíclica.

Clara acabou de começar um novo emprego na ONG Aruana. Verônica, Luiza e Natalie também dirigem a ONG e, a cada episódio, enfrentam diferentes obstáculos na investigação da mineradora KM e em suas vidas pessoais.

Um exemplo bem literal é no sexto episódio, quando Luiza vai disfarçada até o local onde os garimpos, em busca de ouro, correm para tentar encontrar o dono das instalações. Ela vai atrás de informações e foge num barco, que é assaltado. Para sair do barco ela foge mais uma vez, nadando. Apesar de passarem por esse tipo de aventura, os desafios na vida pessoal das personagens também são considerados “ogros”, como quando Natalie consegue argumentar com seu chefe para voltar a fazer reportagens fora do estúdio, por exemplo, no terceiro episódio.

4.2.4 Encontrando o boom do sucesso

Seja escolhendo qualquer caminho, o profissional, o acadêmico, ou qualquer outro, a mulher passará por seus obstáculos e encontrará seu tesouro. Murdock (1990, p. 69) explica que, “as mulheres devem encontrar a autonomia antes de atingirem a integridade”. Nesta etapa, ela terá, primeiramente, o sucesso no aspecto exterior, uma sensação ilusória de que completou sua jornada.

As personagens Luiza, Natalie e Verônica, nos primeiros episódios, estão nessa etapa da jornada. Luiza cuida do filho e segue com o trabalho na ONG, Natalie tem uma consolidada carreira de jornalista e Verônica é uma renomada advogada. Quando conhecemos as personagens, entendemos que elas já atingiram a sua autonomia e o sucesso no caminho em que escolheram.

4.2.5 Acordando para sentimentos de morte espiritual

Apesar de atingirem o sucesso nas áreas escolhidas em suas vidas, chega um momento em que a mulher vai perceber uma sensação de vazio. Foi nessa etapa que Murdock se questionou sobre a Jornada da Heroína: “o que vem depois?” (MURDOCK, 1990, p. 71).

De acordo com a autora, as mulheres atingem o sucesso nos moldes masculinos, e acabam com essa ilusão. É nesse estágio que elas percebem que há algo errado. Murdock (1990) acrescenta que essa percepção pode vir acompanhada de uma doença, um acidente, uma morte, um acontecimento que desencadeará mudanças profundas.

Em *Aruanas* (2019), Natalie, Luiza e Verônica chegam a essa etapa. Vemos as personagens com sucesso no profissional, mas depois conhecemos outros lados de suas vidas. Natalie perdeu uma filha durante a gravidez e ainda não conseguiu superar o luto, nem recuperar o casamento, adormecido pela perda da criança.

Luiza gosta muito de seu trabalho como ativista, mas não consegue conciliar isso aos cuidados do filho, Yan. Ela o leva numa das investigações, mas tem diversos problemas por isso. Num momento, o garoto vê a mãe ser ameaçada com uma arma.

Verônica mantém um caso amoroso com Amir, marido de Natalie. Mesmo tendo um sentimento muito grande pela amiga, a advogada não consegue terminar o relacionamento.

Mesmo ainda não atingindo exatamente o boom do sucesso por ser mais jovem, podemos considerar que Clara consegue atingir um de seus objetivos, que é o trabalho na ONG Aruana e o início de sua autonomia. A sua morte espiritual, porém, é a relação com o ex-namorado, Ramiro, de quem não consegue fugir.

Veremos os desdobramentos desse estágio nas personagens na próxima etapa.

4.2.6 Iniciação à Deusa

Dando continuidade à etapa anterior, ocorre a iniciação à Deusa ou a também chama de “descida ao submundo”. Murdock (1990, p. 89) explica que: “as mulheres encontram o caminho de volta a elas mesmas, não se sobressaindo para a luz como os homens, mas indo para as profundidades do seu ser”.

Como mencionado na etapa anterior, pode ocorrer algum acontecimento, acidente, perda, morte, que desencadeará o despertar da mulher e a levará para uma jornada dentro de si mesma, que pode até ser vista externamente como uma depressão.

Em *Aruanas* (2019), vemos esse estágio dar continuidade à etapa anterior com as personagens Natalie, Verônica, Luiza e Clara.

Natalie já passa por esse momento de iniciação com o luto da filha, que perdeu ainda durante a gravidez. Até o final dessa primeira temporada da série, ela não consegue superar seu luto. Ela não conseguia desmanchar o quarto da criança mesmo um ano após o ocorrido. Quando Amir toma a iniciativa de desfazer o quarto, Natalie ainda fica frustrada.

A jornalista vai continuar nessa jornada dentro de si mesma ao descobrir o caso entre seu esposo e Verônica. A própria personagem faz duas falas que ilustram bem essa etapa: “Eu perdi”, referindo-se ao marido, ao bebê, aos seus sonhos, e “Você matou uma pessoa que morava dentro de mim”, falando para Amir sobre Verônica.

O caso confuso entre Verônica e Amir também é um exemplo dessa etapa para a advogada. Verônica não consegue entender seus sentimentos por Amir, e não consegue tomar uma atitude para finalizar a relação, mesmo não querendo machucar a amiga. Quando Natalie descobre sobre o relacionamento, Verônica inicia sua descida ao submundo para entender mais sobre si mesma. A série conclui a primeira temporada com essas duas personagens ainda nessa etapa.

Luiza tem seu ritual de iniciação quando ela mesma se dá conta de que não consegue cuidar do filho enquanto realiza as ações da Aruana, além de poder colocar suas vidas em perigo. A ativista também se queixa de não ter nem tempo de levar o filho à escola, ou seja, acredita que não cumpre seu papel de mãe. Seu ex-marido pede a guarda do menino na justiça, pela irresponsabilidade de Luiza em tê-lo levado nas investigações. Suas amigas falam que ela é uma ótima mãe e Verônica a ajuda, como advogada, no caso da guarda do filho.

Luiza acaba perdendo uma das audiências por estar trabalhando na Amazônia. A possível perda da guarda do filho é o que faz Luiza despertar e iniciar sua descida ao submundo interior. Com Luiza esse estágio acontece de maneira mais rápida, e ela conclui a jornada ainda nessa primeira temporada, diferente do que vimos com Natalie e Verônica.

Clara também passa pela jornada de maneira mais rápida, como Luiza. O seu despertar acontece quando percebe que o ex-namorado, Ramiro, ainda a persegue. Além disso, ela, preocupada, tenta avisar a nova namorada de Ramiro sobre seu comportamento abusivo, mas a moça não a ouve. Depois, o ex-namorado parte para cima dela e de Falcão ao ver os dois dançando num bar. É quando Clara, no seu despertar, consegue se impor e revidar o golpe do ex-parceiro.

Ainda podemos considerar a tentativa de salvar as jovens que sofrem exploração sexual como parte do despertar de Clara, por querer ajudar as meninas a não passarem por algo parecido com o que ela já sofreu.

4.2.7 Urgência de reconexão ao feminino

Para Murdock (1990, p. 111), “quando a mulher completou sua descida, e rompeu sua identidade como uma filha do patriarcado, há uma urgência de se reconectar ao feminino”.

Segundo a autora, após o reconhecimento da perda do espírito feminino para o patriarcado, há a sua recuperação e o renascimento. Haverá a reconexão da mulher com as partes que ela perdeu, o corpo, as emoções, a criatividade, o autoconhecimento (MURDOCK, 1990).

Clara toma de volta as rédeas de si após se impor contra Ramiro e a relação abusiva que sofreu. Não só fisicamente, mas ao ajudar as garotas que sofriam exploração sexual e ao gravar um vídeo falando sobre relacionamento abusivo, procurando auxiliar mais pessoas que passam por essa mesma situação.

Luiza percebe que seu papel não é ser somente mãe. Ela pede que o filho vá morar com o pai, compreendendo e aceitando a parte individual de si, que trabalha na ONG e tem suas próprias responsabilidades.

4.2.8 Cura da separação mãe e filha

Como o nome indica, nesse estágio há a cura da ferida entre mãe e filha, daquela rejeição do início da jornada.

Isso pode envolver ou não uma real cura da relação entre uma mulher e a mãe. A cura acontece, porém, com a própria mulher, conforme ela

começa a alimentar seu corpo e alma e a recuperar seus sentimentos, intuição, sexualidade, criatividade, e humor (MURDOCK, 1990, p. 9).

Como mencionado, Clara começa uma campanha própria para auxiliar mulheres que sofrem abuso sexual. Além disso, no último episódio ela apresenta sua nova casa aos amigos, fato que também pode ser interpretado como um novo projeto da sua cura.

A aceitação de Luiza de dividir a guarda do filho com o ex-marido, para poder dedicar mais tempo à Aruana também é parte do seu processo de cura, afinal “quando uma mulher reduz a ênfase na jornada heroica externa pela autocompreensão, ela está livre para explorar as suas imagens e a sua voz” (MURDOCK, 1990, p. 10).

4.2.9 Cura da ferida masculina

Após a cura do feminino, é necessário entrar em equilíbrio com o masculino, que, segundo Murdock (1990, p. 156):

[...] é uma força arquetípica, não o gênero. Como o feminino, é uma força criativa que vive dentro de todos os homens e mulheres. Quando fica em desequilíbrio e desconexo da vida se torna combativo, crítico e destrutivo. Esse desconexo arquétipo masculino pode ser frio e desumano, não leva em conta nossas condições humanas. Seu machismo nos diz para continuar em frente, não importa o que custar. Exige perfeição, controle e dominação, nada nunca é o suficiente.

Essa força arquetípica masculina também é necessária às mulheres e, assim, a heroína precisa compreender e aceitar esse lado masculino, que também está ferido. As forças precisam entrar em equilíbrio, pois a Jornada da Heroína, segundo Murdock (1990), é o percurso pela aceitação.

Luiza tem a cura dessa ferida ao aceitar que não consegue fazer tudo sozinha. Ela precisa da ajuda do ex-companheiro para cuidar do filho.

Clara também não embarcou na sua jornada sozinha. Ela recebeu ajuda e força de colegas, como Falcão e Natalie.

4.2.10 Integração do masculino e feminino

Após a cura do feminino e do masculino, as forças devem entrar em equilíbrio. Citando June Singer (1972 *apud* MURDOCK, 1990), a autora explica que o feminino

tenta ser completo e o masculino tenta ser perfeito. Não se pode ser nenhum dos dois por inteiro, mas pode-se ser um pouco menos do que completo e um pouco menos do que perfeito.

Do casamento dessas duas partes, a mulher renasce. Ao passo que a autora explica, “os problemas não foram resolvidos, os conflitos permanecem, mas o sofrimento da pessoa, contanto que ela não fuja dele, não a levará mais para neuroses, mas para uma nova vida. O indivíduo intuitivamente perceberá quem é” (MURDOCK, 1990, p. 160).

Murdock (1990) complementa que depois de atingir essa sabedoria, a heroína poderá compartilhá-la, como acontece também ao final a jornada de Campbell. Assim,

a heroína se torna a Senhora dos Dois Mundos, ela pode navegar nas águas da vida diária e ouvir os ensinamentos das profundezas. Ela é a Senhora do Paraíso, da Terra e do Submundo. Ela adquiriu conhecimento das suas experiências: não precisa mais culpar o outro; ela é o outro. Ela traz seu conhecimento de volta para partilhar com o mundo. E as mulheres, homens e crianças do mundo são transformadas pela sua jornada (MURDOCK, 1990, p. 168).

Consideramos que as personagens Luiza e Clara completaram suas jornadas nessa primeira temporada da série, por lidarem com suas questões, tanto internas quanto externas. Suas aventuras podem recomeçar na próxima temporada, já que a jornada é cíclica.

Verônica e Natalie ficaram no estágio de Iniciação à Deusa, pois ainda têm conflitos a serem resolvidos. Provavelmente a cura do feminino envolverá a cura de sua própria amizade.

5 Algumas considerações

Conforme apontado ao longo do texto, acreditamos que as mais variadas formas de expressão (como produtos audiovisuais, livros, músicas) carregam a possibilidade de potencializar mensagens em prol de temas como a crise ambiental, a representatividade feminina e indígena, etc.

A série *Aruanas* (2019) é um exemplo disso, já que retrata as consequências de um garimpo ilegal, o qual resulta na contaminação das águas; no massacre de povos

indígenas; na exploração de trabalhadores; aliciamento de menores para o comércio sexual; entre tantos outros.

Além disso, a série também coloca em foco o protagonismo feminino, mostrando as personagens em diferentes etapas de desenvolvimento pessoal, como vimos na análise da Jornada da Heroína. As protagonistas não só buscam o sucesso nas carreiras profissionais, mas, também, tentam resolver suas próprias adversidades, o que as levam numa jornada dentro de si na procura pela integridade do feminino.

Dessa forma, consideramos que a série *Aruanas* (2019) contribui de forma favorável para sensibilização de temas contemporâneos e, conseqüentemente, para a propagação das questões ambientais e femininas, que foram o foco deste trabalho.

Agradecimentos

Às colegas de disciplina *Temas Contemporâneos* (1S/2021), ministrada pela professora Dra. Monica Martinez, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, agradecemos as contribuições.

Referências

ARUANAS. Direção de Estela Renner. **Globoplay**, 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/aruanas/t/KjpKbKGkxq/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

ATRIZES de 'Aruanas' falam o que pensam sobre ativismo, protagonismo feminino e Amazônia. **GSHOW**, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/series/aruanas/noticia/atrizes-de-aruanas-falam-o-que-pensam-sobre-ativismo-protagonismo-feminino-e-amazonia.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Linguagem, tradução, literatura**: Filosofia, teoria e crítica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3 ed. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1949.

DUSSEL, Enrique. A New Age in the history of philosophy: the world dialogue between philosophical traditions. **Prajna Vihara: Journal of Philosophy and Religion**, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2008.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 30, p. 7-19, 2019.

GABRIEL, Gisele; SILVA, Míriam Cristina Carlos. O poético na comunicação ambiental: reflexões a partir da campanha A Natureza está falando. **Triade**, Sorocaba, v. 7, n. 15, 2019.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MURDOCK, Mauren. **The heroine's journey**. United States of America: Shambhala, 1990.

PAIVA, Leila Piovesan Garcia; HEIDEMANN, Vanessa; MARTINEZ, Monica. Narrativas Míticas: as quatro funções do mito no filme "A Vila". **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 44, p. 287-299, 2018.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2015.

TRÊS áreas protegidas concentram 55% do desmatamento para garimpo na Amazônia. [S.I.]: **Blog Greenpeace Brasil**, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/tres-areas-protegidas-concentram-55-do-desmatamento-para-garimpo-na-amazonia/>. Acesso em: 21 mai. 2021.

VILLAR, Rosana. Amazônia Explicada. [S.I.]: **Blog Greenpeace Brasil**, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-explicada/>. Acesso em: 21 mai. 2021.